

“...quanto ele abriu olho estava no inferno tocano pro satanase”: marcas de tradições discursivas orais na escrita inicial em contexto do PEJA

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i2.3909>

Giovanna Coelho de Oliveira¹
Lúcia Regiane Lopes-Damasio²

Resumo

Este trabalho tematiza a escrita inicial em textos produzidos no Programa para Educação de Jovens e Adultos (PEJA-Unesp/Assis). O objetivo é descrever e analisar, quantitativa e qualitativamente, marcas linguísticas que caracterizam a natureza constitutivamente heterogênea da escrita (Corrêa, 1997), sob a hipótese de que o (re)conhecimento dessas marcas mostra uma realização, no escrito, menos evidente da linguagem. O quadro teórico, que pressupõe o atravessamento concomitante do sujeito por múltiplas práticas de oralidade e letramento, propõe relações com o conceito de Tradição Discursiva (TD) (Kabatek, 2005). Os resultados reforçam o pressuposto de que as práticas discursivas orais, em TDs que circulam no modo falado de enunciar, estão na origem das relações entre o sujeito e o (seu) texto escrito, mas apontam, igualmente, a necessária consideração, nos acontecimentos de escrita, das TDs letradas.

Palavras-chave: heterogeneidade da escrita; tradição discursiva; Educação de Jovens e Adultos.

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; giovanna.coelho-oliveira@unesp.br, <https://orcid.org/0000-0002-2323-1552>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Assis, São Paulo, Brasil; l.damasio@unesp.br, <https://orcid.org/0000-0002-9058-3566>

“...how much he open eye was in hell playin for satan-ee”: marks of oral discursive traditions in early writing within the context of PEJA (Youth and Adult Education)

Abstract

This study explores the initial writing in texts produced within the Programa para Educação de Jovens e Adultos (PEJA-Unesp/Assis). Its objective is to describe and analyze, both quantitatively and qualitatively, linguistic markers that characterize the constitutively heterogeneous nature of writing (Corrêa, 1997), under the hypothesis that the recognition of these markers shows a less obvious realization of language in writing. The theoretical framework assumes the simultaneous influence of multiple oral and literacy practices on the subject, proposing connections with the concept of Discursive Tradition (DT) (Kabatek, 2005). The findings support the idea that oral discursive practices, embedded in DTs circulating in spoken forms, show the relationship between the subject and their written text. However, the results also highlight the need to consider literacy DTs in writing events.

Keywords: heterogeneous writing; discourse tradition; Youth and Adult Education.

Introdução

Este trabalho tematiza o papel das tradições discursivas (TDs) orais e letradas na escrita inicial de adultos, observada em textos produzidos no âmbito do Programa para Educação de Jovens e Adultos (PEJA-Unesp/Assis).³ O objetivo é observar, a partir de uma abordagem linguístico-discursiva, marcas linguísticas específicas que caracterizam a natureza constitutivamente heterogênea da escrita (cf. Corrêa, 1997), sob a hipótese de que o (re)conhecimento dessas marcas mostra uma realização, no escrito, menos evidente da linguagem, indiciando a circulação dos sujeitos por diferentes tradições de dizer/escrever. Em outras palavras, o objetivo geral é descrever e analisar a forma como as TDs orais atuam no processo que “desvenda” o texto escrito, significando-o (Rojo, 1998). Esse objetivo parte, portanto, do pressuposto de que as práticas discursivas orais, em torno de objetos portadores de textos, estão na origem das relações que se estabelecem entre sujeito e texto. Por meio dessas práticas, o texto deixa seu estatuto de *coisa* para se *transformar* em objeto de sentido (Rojo, 1998).⁴

3 Programa Institucional de Extensão universitária implantado, em 2001, em sete *campi* da Unesp que contam com os Cursos de Letras e/ou Pedagogia. Desde a sua implantação, o PEJA-Unesp/Assis atua com o objetivo voltado à garantia dos direitos democráticos mínimos àqueles que, historicamente, tiveram a oportunidade de aprender a ler e escrever, no período convencional, negada.

4 Os pressupostos que sustentam a proposição do objetivo são trazidos para este trabalho de acordo com uma postura crítica, marcada pelo uso das aspas em “desvenda”. Essa postura crítica, em parte, ancora-se na própria relação entre opacidade-transparência da escrita, adotada neste trabalho, que, por si só, conforme será exposto mais detalhadamente na seção de fundamentação teórica, não permite reconhecer uma escrita

Para especificar as condições em que essa *transformação* ocorre, acrescenta-se, no espaço caracterizado por uma observação voltada à relação entre o linguístico e o discursivo, a hipótese de que as TDs têm feito parte dos aspectos ocultos do letramento acadêmico (Street, 2014), expressão utilizada para mostrar que certos aspectos da produção do texto não são explicitados e/ou considerados no processo de ensino-aprendizagem. Com base nesse movimento, investiga-se como as TDs orais, enquanto fenômenos linguístico-discursivos não *transparentes*, integram os processos ocultos do letramento acadêmico (Street, 2014).

Especificamente, desdobram-se, pois, outros dois objetivos: (i) descrever e analisar marcas linguísticas deixadas pelo sujeito na superfície do texto, tomadas em sua relação constitutiva com as práticas orais e letradas; e (ii) descrever e analisar as marcas linguístico-discursivas estabelecidas na articulação com o já-dito, à qual se propõe associar, neste trabalho, o conceito de TD.⁵

Para a apresentação dos resultados, este trabalho está organizado em três partes, além desta Introdução e das Considerações finais. A primeira expõe o quadro teórico constituído pelo diálogo crítico entre os conceitos de escrita constitutivamente heterogênea (Corrêa, 1997) e de TD (Kabatek, 2005), de modo a colaborar com o desenvolvimento das proposições que seguem a linha de Lopes-Damasio (2022, 2019). A segunda caracteriza o universo de investigação e os procedimentos metodológicos. A descrição e análise das marcas linguísticas da heterogeneidade da escrita, bem como a discussão desses resultados, compõem a terceira parte deste artigo.

Fundamentação teórica

Para o referencial teórico, parte-se do reconhecimento, conforme Chacon (2021), de que a produção e atribuição de sentidos se constituem na/pela interação entre os elementos da linguagem e as práticas discursivas orais e letradas por que os sujeitos circulam. Esse olhar, linguístico-discursivo, para os acontecimentos de fala e escrita possui ao menos duas implicações: (i) fala e escrita são concebidas como atos enunciativos cuja materialidade linguística decorre da inserção do sujeito em práticas discursivas de oralidade e letramento – portanto, nem fala e oralidade, nem escrita e letramento são sinônimos; e (ii) a constituição do sujeito como falante e/ou escrevente ocorre pelo seu atravessamento simultâneo por diferentes práticas orais e letradas.

“desvendada”, no sentido de uma escrita que se torna *transparente*, em qualquer que seja o ponto do processo de escrita tomado pelo analista e/ou pelo sujeito que usa a língua/escrita em determinadas práticas discursivas; em parte ancora-se nas condições em que a *transformação* é tomada como movimentação que deixa marcas no fio do discurso, conforme também será explicitado na sequência deste trabalho.

5 Os resultados que serão apresentados, alcançados a partir dos objetivos elencados, foram recortados da Dissertação intitulada *O papel das Tradições Discursivas orais na escrita inicial no contexto do PEJA* (Oliveira, 2024), desenvolvida no escopo do Projeto “Escrita e tradição discursiva no ensino” (FAPESP).

Concebendo, pois, fala e escrita como modos de enunciação em práticas orais e letradas, Corrêa (1997) reclama que o produto linguístico, fruto das práticas de oralidade e letramento, seja nos enunciados falados, seja nos escritos, não é puro. Por isso, a importância de compreender os materiais significantes da fala e da escrita – a matéria fônico-acústica e gráfico-visual, respectivamente –, como critérios insuficientes para marcar a diferença entre o falado e o escrito. Desse modo, considerar a heterogeneidade constitutiva da escrita significa assumir seu caráter de prática social em intrínseca relação com práticas de oralidade e letramento.

Assumindo que o sujeito circula constantemente por tais práticas, e que o produto linguístico guarda marcas dessa circulação, em textos falados e escritos, o interesse, aqui, como em Corrêa (1997, p. 87), “é captar, por meio das marcas desse modo heterogêneo de constituição da escrita, a representação que o escrevente faz de si mesmo, da (sua) escrita e de seu interlocutor”. Para isso, o autor propõe que a apreensão da constituição heterogênea da escrita deve partir da representação dos escreventes sobre a escrita, considerando que é, no interior das mais diversas práticas sociais, que se constrói o imaginário social da escrita – “produto das imagens socialmente construídas sobre ela” (Corrêa, 1997, p. 87).

Metodologicamente, o autor apresenta três eixos para a observação da circulação dos escreventes pela representação do que imaginam ser: a gênese da (sua) escrita, correspondente aos momentos pelos quais, ao apropriar-se da escrita, o escrevente a concebe como representação termo a termo da fala, em práticas de oralidade – eixo 1; o código escrito institucionalizado, correspondente aos momentos nos quais o escrevente concebe a escrita a partir do que acredita ser o modo autônomo de representar a fala, em práticas de letramentos – eixo 2; e a dialogia com o já falado/escrito e já ouvido/lido, caracterizada por aquilo que o escrevente acredita ser a relação apropriada com a exterioridade constitutiva de seu texto – eixo 3. Como não correspondem a *fases/estágios*, os eixos são observados concomitantemente, uma vez que se encontram em constante diálogo: a circulação do escrevente pelos dois primeiros pode ser percebida por meio de marcas linguísticas e é dirigida pelo terceiro, que se refere, de modo geral, à presença do dialogismo em toda a linguagem. Esse caráter de réplica da linguagem, observado, sobretudo, no terceiro eixo, tem sido associado ao conceito de TD (cf. Lopes-Damasio; Silva, 2025; Oliveira, 2024; Lopes-Damasio, 2019, dentre outros), na mesma linha aqui assumida.

Tradicionalmente, as TDs são definidas, segundo Kabatek (2005, p. 7), como a repetição de uma maneira particular de dizer, formada a partir de qualquer expressão discursiva, cuja repetição adquire valor de signo próprio. Assim, o termo *tradição* está diretamente relacionado à historicidade dos textos, das fórmulas e das expressões tradicionais que caracterizam gêneros institucionalizados e atos de fala. Já a expressão *discursiva* caracteriza a tradição como *linguística*, isto é, dentro do discurso, tomado como *língua*

em uso, no enunciado que resulta de uma finalidade comunicativa, filtrada pela língua – sistema e norma⁶ – e pelas TDs (Kabatek, 2005, p. 4). O conceito de TD, assim definido, fundamenta-se na teoria de linguagem tripartida, de acordo com a articulação estrutural e geral dos níveis universal, histórico e individual, postulada por Coseriu (1992)⁷ e amplamente difundida na tradição românica alemã. Esse conceito possibilitou a compreensão de que há uma história dos textos independente da história das línguas, isto é, a proposta de que, ao enunciar, o sujeito não utiliza apenas regras idiomáticas, mas recorre a tradições localizadas em uma outra dimensão histórica – distinta, teoricamente, da língua abstrata e, empiricamente, da língua concreta, englobando os saberes idiomáticos. Nas palavras de Kabatek (2005, p. 3): “uma fala (ou uma escrita) que não esteja relacionada a certas tradições discursivas não pode existir de forma alguma.” Desse modo, autores como P. Koch (1997) e Oesterreicher (1997) apontam a necessidade de ampliação do nível histórico por meio de sua reduplicação, em que, de um lado, estaria a língua enquanto sistema e norma e, de outro, as TDs: “Considero, portanto, indispensável duplicar o modelo de Coseriu no nível histórico. Paralelamente ou, melhor dizendo, transversalmente às tradições e normas intralinguísticas, devem ser incluídas também as tradições textuais ou – como as denomino – as tradições discursivas ou normas discursivas” (P. Koch, 2021, p. 364).⁸

Nessa perspectiva, o estudo das TDs obteve grande relevância na área da Linguística Histórica, especialmente nas pesquisas sobre variação e mudança linguística.⁹ Mais recentemente, o conceito tem sido mobilizado também em trabalhos na perspectiva sincrônica, voltados à aquisição da escrita. A abordagem, iniciada por Longhin (2011) e desenvolvida por Lopes-Damasio (2022, 2019 e outros), propõe investigar a aquisição

6 Contrapondo-se aos excessos formalistas da dicotomia entre *langue* e *parole*, estipulada por Saussure, que privilegiava a investigação das relações entre elementos linguísticos restritos ao interior de um dado sistema, Coseriu reconhece três instâncias, no universo linguístico, ao acrescentar a noção de norma à dicotomia saussuriana. Tendo em vista realizações correntes e habituais em determinada comunidade, distingue *sistema*, conjunto formal e funcional de possibilidades linguísticas em uma determinada língua natural, de *norma*, conjunto que instaura um padrão, advindo de imposições sociais, históricas e culturais que favorecem o uso de determinadas possibilidades do sistema em detrimento de outras. Nessa perspectiva, a fala, concretização dos atos linguísticos, é admitida como a atualização individual do sistema e da norma. A partir do modelo proposto por Coseriu, reconhece-se a heterogeneidade *linguística*, ao admitir a existência de diferentes *normas* que compõem cada *sistema*.

7 O conceito de TD encontra sua origem nos estudos coserianos (cf. Coseriu, 1992), que, se opondo ao olhar binarista atribuído à linguagem, consideram, para além dos níveis individual e universal, um nível histórico, correspondente às línguas particulares enquanto sistemas de significação historicamente constituídos.

8 No original: “Ich halte es also für unerlässlich, Coserius Modell auf der historischen Ebene zu doppeln. Neben oder besser gesagt: quer zu den einzelsprachlichen Traditionen bzw. Normen sind hier die Texttraditionen oder – wie ich es nenne – die Diskurstaditionen bzw. Diskursnormen anzusetzen.” (tradução: Prof.^a Dr.^a Alessandra Castilho da Costa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

9 Com o reconhecimento dos traços que caracterizam as TDs, a saber, repetição-evocação e atualização-tradição, estabeleceu-se que as inovações linguísticas geralmente surgem em textos específicos de uma TD, com potencial de se difundirem (ou não) pela língua. Desse modo, a intrínseca relação entre TD e mudança linguística – uma vez que a coexistência de diferentes TDs influencia a diacronia de uma língua particular – aponta para a não linearidade dessa mudança, na diacronia dos sistemas linguísticos da língua (para um exemplo de aplicação do conceito em um estudo de gramaticalização e suas implicações quanto ao reconhecimento da diacronia não ideal [não linear e transpassada pelas TDs], cf. Lopes-Damasio, 2011).

da escrita infantil a partir de textos empíricos, teoricamente definidos por meio de um diálogo crítico entre a concepção tradicional de TD (cf. Kabatek, 2005) e a concepção de escrita constitutivamente heterogênea, conforme recuperadas neste texto.

Para tanto, entende-se o termo *tradição* como vinculado à historicidade, considerada também como *experiência*, no sentido do *já conhecido* das relações. Já a expressão *discursiva* não se limita a caracterizar as tradições como exclusivamente linguísticas, mas também as qualifica como *acontecimentos*, em que cada realização traz uma novidade, dada pela maneira única como aquela prática é executada (Lopes-Damasio; Silva, 2018, p. 112). Trata-se, em outras palavras, do exercício proposto por Pêcheux (2006), especialmente em sua síntese formulada/apresentada entre parênteses: “Um primeiro caminho seria tomar como tema um *enunciado* e trabalhar a partir dele; por exemplo, o enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”] tal como ele atravessou a França no dia 10 de maio de 1981, às 20 horas e alguns minutos (o *acontecimento*, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória)” (Pêcheux, 2006, p. 16-17).

Esse ponto de encontro dá destaque ao diálogo entre a TD, configurada em *texto*, enquanto *produto* e *matéria* do *atual* e do *histórico*, que se somam ao *texto*, enquanto *processo*, em conformidade com a *novidade* do *acontecimento discursivo*. Torna-se possível o reconhecimento, nas práticas de oralidade e letramento, da multiplicidade de TDs, em enunciados falados e escritos, que apontam para a relação do sujeito com a linguagem, enquanto “processo sócio-histórico ancorado em uma língua, bem como em mecanismos reguladores do dizer e atualizados em acontecimentos” (Chacon, 2024).

Ao assumir, portanto, um espaço teórico construído a partir de relações críticas entre as concepções de escrita constitutivamente heterogênea (cf. Corrêa, 1997) e das TDs (Kabatek, 2005), tomadas agora como *matéria* e *produto* do *atual* e do *histórico* (cf. Lopes-Damasio, 2022), este trabalho alarga o escopo daqueles que se voltam ao contexto aquisicional, porque se interessa pela aquisição da escrita experimentada por jovens em adultos, no contexto do PEJA; e alarga o escopo daqueles que consideram que as práticas discursivas orais estão na origem das relações entre o sujeito e o texto (cf. Mayrink-Sabinson, 1998; Rojo, 1998), enquanto meio de transformação do texto em objeto que significa. Alarga esse escopo porque se interessa pela maneira por que as *TDs orais* – considerando-as em sua pluralidade – atuam no processo de aquisição da escrita de jovens e adultos, em intrínseca relação com a maneira por que as *TDs letradas* – considerando-as também em sua pluralidade e relação com o espaço acadêmico – atuam nesse mesmo processo e naquilo que se definiu como o heterogêneo da escrita.

Materiais e metodologia

O *corpus* analisado é composto por 28 textos,¹⁰ produzidos em cinco práticas de escrita distintas, no âmbito das atividades do PEJA-Unesp/Assis, ao longo de 2023. As práticas de escrita 1, 2 e 4 voltaram-se à produção de textos da TD narrativa e as 3 e 5, à de textos da TD prescritiva.¹¹

Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia seguiu dois passos, que constituíram um único procedimento abduutivo de investigação: um de natureza aplicada; e outro, analítica. Como é característico dessa metodologia, propõe-se um retorno às bases teóricas para uma discussão que possa ou não reforçar os pressupostos de que as TDs orais estão na origem do processo que “desvenda” o texto escrito.

Focalizando, nos textos empíricos, o tipo de processamento do discurso, segundo as várias dimensões da linguagem e de acordo com os três eixos de observação da circulação do sujeito por sua imagem/representação da escrita (cf. Corrêa, 1997), as marcas linguísticas tomadas, neste trabalho, foram organizadas em cinco tipos, conforme descrição e análise qualitativo-quantitativa: (i) marcas do dialogismo entre o já falado/escrito e ouvido/lido; (ii) marcas fonético-fonológicas e ortográficas; (iii) marcas de flutuação e segmentação de palavras; (iv) marcas sintáticas de alçamento da escrita; e (v) marcas da fala plasmada na escrita em espaços de junção.

Considerando que “a escrita enquanto acontecimento é um evento singular que não se inicia em si mesmo” (Chacon, 2024), parte-se do pressuposto de que, antes de se inserir na escrita, o sujeito circula por várias TDs: as que se materializam nas práticas sociais de oralidade, mas também as que se materializam nas práticas sociais de letramento. Daí, inicialmente, distinguem-se essas últimas formas de circulação daquela específica às “habilidades” de ler/escrever. As práticas de escrita, para a produção dos textos do *corpus* investigado, foram iniciadas por meio das práticas do *contar*, sobretudo, atreladas à memória e à experiência, bastante significativas aos educandos do PEJA-Unesp/Assis, em sua maioria mulheres idosas, de classe baixa, não-brancas.¹²

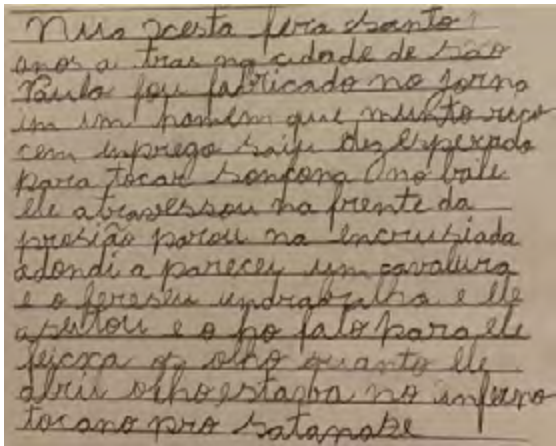
10 Selecionados do Banco de Dados de Escrita Inicial (*Inicial Write Database-InWrite-Unesp*), em construção, como parte do projeto FAPESP “Escrita e tradição discursiva no ensino”, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE – 67558423.4.0000.5401/sob o número do parecer 6.524.627).

11 As TDs materializam-se de acordo com o princípio da composicionalidade paradigmática e sintagmática (Kabatek, 2005) que, grosso modo, preconiza o que se tem denominado como *mesclas de TDs* (Lopes-Damasio, 2019). Portanto, com a caracterização de um texto como representativo da TD narrativa ou prescritiva, não se exclui toda a potencialidade de *mesclas* nele efetivada, em presença (na linearidade do texto), ou em ausência (na sua configuração paradigmática) (cf. Lopes-Damasio; Silva, 2025).

12 O trabalho no PEJA-Unesp/Assis inicia-se com a investigação do *universo temático* das educandas (Freire, 2022), com o objetivo de (re)conhecer as TDs pelas quais esses sujeitos circulam. Os resultados dessa investigação mostraram que o *contar*, manifestado, sobretudo, em práticas discursivas orais e informais, configura uma TD de função social relevante para o grupo de educandas. Foi por meio do *contar* que as práticas de escrita se materializaram no fio discursivo de textos que se *mesclam* com outras TDs.

Na prática de escrita que deu origem ao texto da Figura 1, do qual serão extraídos os exemplos das ocorrências das marcas linguísticas a serem analisadas neste trabalho, foi utilizado, como ponto de partida, um episódio do *podcast* Pavulagem, com o propósito de resgatar histórias/causos regionais e tipicamente brasileiros.

Figura 1. O cavaleiro que foi tocar no inferno



- Nua xesta fera santo anos a
2. tras na cidade de são Paulo
3. fou fabricado no jorna im um
4. homem que munto rico cem
5. inprego saiu dezesperado para 6. tocar
sonfona no baile ele
7. atravessou na frente da prosião 8. parou na
encruciada adondi a pareceu um cavaleira
9. pareceu um cavaleira e o
10. fereseu undrabalho e
11. ele aseitou e o ho falo para
12. ele feicxa os olho quanto
13. ele abriu olho estasba no
14. inferno tocano pro satanase¹³

Fonte: Dados da pesquisa

Descrição e análise dos dados

Os dados analisados reúnem tanto marcas com ocorrências frequentes no *corpus*, como aquelas com ocorrências pouco frequentes, desde que guardem em comum a característica de manifestar o mesmo modo particular de constituição em uma dada dimensão da linguagem, contribuindo para a caracterização da heterogeneidade da escrita. A quantificação geral dos quatro tipos de marcas descritas e analisadas segue na tabela 1, complementada, na sequência, pela tabela 2, que traz resultados da análise relativa à relação entre tais marcas e os eixos 1 e 2, respectivamente, da gênese da escrita (E1) e do código escrito institucionalizado (E2).

13 Sugestão de leitura: Numa Sexta-Feira Santa, na cidade de São Paulo, foi fabricado no jornal um homem que era muito rico, sem emprego, saiu desesperado para tocar sanfona no baile. Ele atravessou na frente na procissão, parou na encruzilhada, onde apareceu um cavaleiro e ofereceu um trabalho e ele aceitou. O homem falou para ele: “fecha os olhos”. Quando ele abriu o olho, estava no inferno, tocando para o Satanás.

Tabela 1. Frequência das marcas linguísticas nos textos analisados

Marcas linguísticas	Nº de ocorrências	Percentual
Marcas fonético-fonológicas e ortográficas	176	30%
Marcas de flutuação em segmentação de palavras	99	16%
Marcas sintáticas de alçamento da escrita	30	4%
Marcas da fala plasmada na escrita em espaços de junção	302	50%

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2. Frequência de marcas linguísticas da heterogeneidade da escrita – E1 e E2

Marcas fonético-fonológicas e ortográficas				Marcas de flutuação em segmentação de palavras			Marcas sintáticas de alçamento da escrita			Marcas da fala plasmada na escrita em espaços de junção		
	E1	E2	Total	E1	E2	Total	E1	E2	Total	E1	E2	Total
Nº	103	73	176	71	28	99	10	20	30	281	21	302
%	59%	41%	100%	72%	28%	100%	33%	67%	100%	93%	7%	100%

Fonte: Elaboração própria

Foram associadas ao E1 as marcas linguísticas características da circulação do sujeito por práticas de oralidade, que apresentam em destaque o componente fonético-fonológico da linguagem, enquanto indício da fala plasmada na escrita, o que caracteriza a gênese da escrita, nas produções textuais escritas. Já ao E2, foram associadas as marcas da circulação do sujeito por práticas sociais nas quais se concebem convenções ortográficas constituídas pela imagem do que seja o código institucionalmente reconhecido como aquele que caracteriza as práticas escolares.

Marcas fonético-fonológicas e ortográficas

Ao assumir que os enunciados escritos estão ancorados, simultaneamente, em práticas orais e letradas, Chacon *et al.* (2016, p. 82) atentam-se para a língua em sua dimensão segmental, a partir de uma correspondência entre grafema e fonema, em consonância com as convenções ortográficas. Sob essa perspectiva, enfatizam, como será feito nesta subseção, aquele tipo de indício que leva à orientação fonética da escrita alfabética. Nessa direção, constatou-se um total de 176 erros¹⁴ ortográficos, extraídos do conjunto

14 Valendo-se das considerações feitas por Chacon *et al.* (2016, p. 84), aquilo que convém, aqui, denominar como *erro* não pode ser compreendido enquanto índice de ausência de conhecimento, já que raramente “ele [erro] foge a algo que, de certo modo, não seja suscitado pela própria língua ou pelas regras que orientam a correspondência grafema/fonema” (Chacon *et al.*, 2016, p. 84).

de produções textuais que compõem o *corpus* deste trabalho, dos quais 103/59% indiciam a gênese da escrita (E1) e 73/41% indiciam a representação de um código escrito institucionalizado (E2), conforme a tabela 3:

Tabela 3. Frequência de marcas fonético-fonológicas e ortográficas – E1 e E2

Nº da prática de escrita	TD solicitada	Ocorrências E1		Ocorrências E2	
		Nº	%	Nº	%
Prática de escrita 1	Narrativa	17	51%	16	48%
Prática de escrita 2	Narrativa	16	47%	18	53%
Prática de escrita 3	Prescritiva	33	47%	13	27%
Prática de escrita 4	Narrativa	21	51%	20	48%
Prática de escrita 5	Prescritiva	14	70%	6	30%
Total		103	59%	73	41%

Fonte: Elaboração própria

As ocorrências de marcas fonético-fonológicas e ortográficas, em E1 e E2, parecem ter relação com a TD em que são observadas. Em textos inscritos na TD narrativa (P1, P2 e P4), houve pouca diferença entre marcas associadas a E1 e a E2. Já em textos voltados à TD prescritiva (P3 e P5), ocorrências de marcas associadas a E1 foram predominantes em relação a E2. Por um lado, a baixa diferença entre marcas associadas a E1 e E2, em TDs narrativas, mostra a circulação do sujeito não somente por práticas orais e informais, mas por práticas letradas e acadêmicas, em que se materializa o *contar*. Por outro, as práticas do *instruir* por que os educandos do PEJA circulam, de acordo com os resultados, são constituídas, predominantemente, por práticas orais e informais, apontando para um espaço em que se aprende, ouvindo/assistindo quem ensina e se ensina, falando com quem é ensinado. Mostra-se, assim, como efeito da inscrição histórica desses sujeitos, a representação do falado, tipicamente em práticas informais, no produto escrito, por meio da predominância das marcas associadas a E1.

Para exemplificar, o texto 1 (exposto na figura 1) reuniu um total de 21 erros ortográficos, dos quais 48% foram tomados enquanto indícios de E1 e 52%, de E2:

Tabela 4. Frequência de marcas fonético-fonológicas no texto 1

Texto 1: sanfoneiro que foi tocar no inferno	E1	E2
Nº / %	10 / 48%	11 / 52%

Fonte: Elaboração própria

Associadas a E1, as marcas linguísticas características da circulação do sujeito por práticas orais, em atos de enunciação falada, apresentam uma relação direta entre fala-escrita, nas produções textuais, marcada pelo componente fonético-fonológico da linguagem (ou da fala plasmada na escrita). Associadas a E2, as marcas da circulação do sujeito por práticas sociais, nas quais se concebem convenções ortográficas, são sustentadas por um imaginário do código institucionalmente reconhecido como *escolarizado* (ou de um alçamento da escrita ao que se imagina ser a *escrita da escola*):

(1) saiu **dezesperado** para tocar sonfona no (4) Nua **xesta** fera santo (l. 1)
baile (linha – l. 5)

(2) e ele **aseitou** (l. 11)

(5) um homem que munto rico cem **inprego** (l. 5)

(3) estasba no inferno **tocano** pro satanase
(l. 14)

Em (1), (2) e (3), os trechos em destaque mostram ocorrências que exemplificam a circulação do sujeito por E1, em que seu atravessamento por práticas que lhe permitem uma correta percepção da realização fonética das palavras produz, como efeito, uma escrita que, embora não convencional, é suscitado pela própria língua, nas instabilidades das suas relações grafema-fonema. Assim, o escrevente reconhece o fato genérico de que grafema e fonema se correspondem e, por isso, toma a escrita como representação termo a termo da fala, considerada de acordo com a sua variedade, conforme ilustra “dezesperado” (desesperado), “aseitou” (aceitou) e “tocano” (tocando). Há também ocorrências em que as substituições ortográficas atuam como marcas da autonomia do grafema perante o fonema, como em (4) e (5). Naquelas associadas a E2, tem-se a representação da palavra a partir de propriedades que o sujeito imagina serem específicas da escrita, como, por exemplo, a substituição de <s> por <x>, em “xesta” (sexta), e a substituição de <m> por <n>, em “inprego” (emprego).

Marcas de flutuação e segmentação de palavras

Esta subseção apresenta resultados relacionados a aspectos da segmentação de palavras, em enunciados escritos, por meio da observação de espaços em branco, sob o pressuposto de que os espaços de segmentação podem ser considerados indícios do movimento do escrevente por práticas orais e letradas e, portanto, da própria heterogeneidade constitutiva da escrita (Corrêa, 1997). Assim, foram observadas, nos textos, 99 ocorrências de segmentação não convencional entre palavras, organizadas em três grupos: dados de hipossegmentação, relativos à falta de espaço entre fronteiras vocabulares; dados de hipersegmentação, relativos à inserção de espaço não convencional no interior da palavra; e mesclas, dados correspondentes a hipo e hipersegmentação simultaneamente em uma mesma estrutura.¹⁵

¹⁵ Devido às limitações de espaço, não serão apresentadas as análises das ocorrências de mesclas. Para maiores detalhes, cf. Oliveira (2024).

Tabela 5. Frequência de segmentação não convencional

Prática de escrita	TD solicitada	Hipossegmentação		Hipersegmentação		Mescla	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prática de escrita 1	Narrativa	18	95%	0	0%	1	5%
Prática de escrita 2	Narrativa	30	81%	5	13%	2	6%
Prática de escrita 3	Prescritiva	5	83%	0	0%	1	17%
Prática de escrita 4	Narrativa	13	68%	6	32%	0	0%
Prática de escrita 5	Prescritiva	12	67%	4	22%	2	11%
Total		78	79%	15	15%	6	6%

Fonte: Elaboração própria

Conforme a tabela 5, as ocorrências estão distribuídas irregularmente entre hipossegmentações, hipersegmentações e mesclas, em cada prática de escrita, e, portanto, nas TDs narrativa e prescritiva, assim como ao longo do recorte temporal. Esse resultado permite caracterizar uma trajetória não linear dos escreventes, no sentido de uma diminuição gradativa dessas marcas, conforme se esperaria em uma visão desenvolvimentista da aquisição da escrita. Ao lado dessa não linearidade, a flutuação marcada nas formas de segmentar ainda indicia a movimentação dessa escrita/desses escreventes, na (sua) escrita, contribuindo para a compreensão da relação particular do sujeito com a linguagem em seu modo de enunciação escrito e reforçando o pressuposto assumido neste trabalho, de acordo com o qual a escrita é tomada como processo e acontecimento (Chacon, 2024; Corrêa, 1997).

Assumindo que essas marcas sejam efeitos da circulação e do atravessamento do sujeito por práticas orais e letradas, apresentam-se ocorrências de segmentação não convencional, distribuídas entre hipossegmentação e hipersegmentação, de 6-9:

(6) anos **a tras** (l. 1)

(8) o **fereseu** undrabalho (l. 10)

(7) **a pareceu** um cavaleira (l. 9)

(9) o **fereseu undrabalho** (l. 10)

As hipersegmentações, em (6), (7) e (8), caracterizam-se por informações morfológicas, efeitos do reconhecimento dos termos “a”, conforme “a tras” (atrás) e “a pareceu” (apareceu), e “o”, conforme “o fereseu” (ofereceu), como *itens gramaticais* (artigos definidos na função de determinante nominal), que, embora correspondam, juntamente com o nome que determinam, a um vocábulo, do ponto de vista fonético, correspondem a dois vocábulos (artigo + nome), do ponto de vista morfológico. A marca registrada na grafia não convencional é tomada, pois, como indício da circulação do sujeito por práticas letradas, já que o reconhecimento dos vocábulos morfológicos depende exclusivamente do espaço em branco na escrita. Por outro lado, a ocorrência, em (9), mostra a segmentação

apoiada em critérios fonológicos, ou seja, no reconhecimento, apenas, do único vocábulo fonético, associado à movimentação do sujeito pelo que imagina ser a gênese da (sua) escrita, ao fazer plasmar fala e escrita. Em conjunto, assim como as ocorrências de mescla, não exploradas nas exemplificações neste artigo (cf. Oliveira, 2024), dados de hiper e hipossegmentação deixam-se ver como efeitos, na escrita, do atravessamento do sujeito por diferentes imagens da escrita, ora numa representação que plasma fala e escrita, como transcrição termo a termo – conforme a ocorrência de hipossegmentação –, ora numa representação que toma a escrita em sua suposta autonomia, ignorando as zonas imprecisas que a caracterizam como objeto instável – conforme as ocorrências de hipersegmentação, que generalizam a marca do espaço em branco mesmo quando não corresponde ao convencional.

Marcas sintáticas de alçamento da escrita

Os resultados apresentados nesta subseção partem do pressuposto de que as construções sintáticas também permitem a observação do modo heterogêneo de constituição da escrita, sem que se vinculem a uma suposta *interferência* da fala sobre a escrita, no sentido de que haveria, na fala, uma sintaxe mais simples ou primitiva. Trata-se, por outro lado, de mais uma forma de verificar a relação entre sujeito e linguagem/escrita. Nos textos investigados, foram observadas 30 marcas sintáticas, especificamente associadas a formas de alçamento da escrita, organizadas em ocorrências relacionadas à concordância (verbal/nominal), à flexão, a marcas desinenciais e à colocação pronominal,¹⁶ conforme E1 e E2.

Tabela 6. Frequência de marcas sintáticas de alçamento da escrita – E1 e E2

	E1		E2	
	Nº	%	Nº	%
Concordância	9	50%	10	50%
Flexão	0	0%	1	100%
Desinência	0	0%	6	100%
Colocação pronominal	1	25%	3	75%

Fonte: Elaboração própria

Do texto 1, são extraídas ocorrências que exemplificam as marcas sintáticas de alçamento da escrita relacionadas à concordância nominal de gênero e número:

- (10) Nua **xesta fera santo** (l. 1)
- (11) a pareceu **um cavaleira** (l. 9)
- (12) feicxa **os olho** (l. 12)

16 Para análises das marcas sintáticas de flexão, desinência e colocação pronominal, cf. Oliveira (2024).

Em (10) e (11), a flutuação no modo em que a concordância de gênero é feita: ora os elementos concordam em gênero, como em “Nua xesta fera” (numa sexta-feira), ora não, como em “xesta fera santo” (sexta-feira santo) e “um cavaleira” (um cavaleiro), projeta, no escrito, uma marca da representação que o escrevente faz do código escrito institucionalizado, em sua autonomia em relação à fala. É esse distanciamento, fundamentado na imagem de escrita que o sustenta, que distancia as ocorrências destacadas daquelas usuais nas práticas orais, em que é muito pouco provável esse tipo de concordância. Por outro lado, a ocorrência, em (12), de marcação da concordância de número apenas no determinante artigo, é tomada como efeito da pressuposição de que a fala, no caso, uma fala que resulta de práticas orais e informais, pode ser transcrita diretamente para a escrita: “feicxa os olho” (fechar os olho).

Marcas da fala plasmada na escrita em espaços de junção

A proposição de se observar os mecanismos de junção (MJs), em espaços de junção, como memória de realizações já feitas, sustenta-se na hipótese de que a utilização de uma ou outra forma de junção, em um ou outro espaço de junção – entendido como espaço enunciativo-pragmático, mas também discursivo, enquanto intra e interdiscurso – podem ser vistas como rastros da individuação dos sujeitos, no processo de textualização, e não apenas como recursos formais da língua (Lopes-Damasio, 2019). A esse tratamento *discursivo*, acrescenta-se o tratamento *linguístico* do fenômeno da junção: os MJs são tomados no cruzamento da descrição de seu funcionamento tático, desdobrado nas relações entre orações em *parataxe* e *hipotaxe*; e de seu funcionamento semântico, de acordo com um crescente de abstração e complexidade.¹⁷

A descrição do funcionamento tático das orações, nos textos do *corpus*, apontou para o caráter majoritariamente paratático (93%) das 302 ocorrências de MJs observadas:

17 Para o tratamento descritivo dos aspectos semânticos dos MJs, destaca-se o caráter unidirecional na relação entre os diferentes *significados*, aqui atualizados em diferentes *sentidos*. Essa unidirecionalidade foi comprovada, na perspectiva filogenética, por meio da mudança semântico-linguística, em diversos trabalhos (cf. Kortmann, 1997) que apontam para parentescos semânticos (aqui tomados como movimentação de sentidos) de acordo com um crescente de abstração semântica (+concreto > +abstrato). Tais estudos mostram que os macrossistemas semânticos de *modo* e *local* são base para os sentidos de *tempo* e *causa*, *condição*, *contraste* e *concessão* (CCCC). Por sua vez, o macrossistema semântico de *tempo* é base para os sentidos de CCCC, com ênfase à produtividade dessa relação. Dentro de CCCC, *causa* alimenta o sentido de *condição*, *contraste* e *concessão*, da mesma forma que *condição* alimenta *contraste* e *concessão*, e, por fim, *contraste* alimenta *concessão*. Nessa dinâmica, o sentido de *adição* configura-se como aquele mais concreto, localizado na ponta esquerda do *continuum*, podendo ser a base semântica para todos os demais, em oposição ao *concessivo*, mais abstrato, localizado em sua ponta direita.

Tabela 7. Frequência dos MJs no eixo tático

Prática de escrita	TD solicitada	Parataxe		Hipotaxe	
		Nº	%	Nº	%
Prática de escrita 1	Narrativa	82	98%	2	2%
Prática de escrita 2	Narrativa	40	87%	6	13%
Prática de escrita 3	Prescritiva	75	92%	7	8%
Prática de escrita 4	Narrativa	42	95%	2	5%
Prática de escrita 5	Prescritiva	42	91%	4	9%
Total		281	93%	21	7%

Fonte: Elaboração própria

A predominância da parataxe nos textos das TDs narrativa e prescritiva investigados é associada à constituição heterogênea da escrita, uma vez que atua como marca (mais) mostrada, no escrito, da circulação do sujeito por práticas orais e informais. A parataxe indicia que a *enunciação escrita* é constituída pela *enunciação falada* ao longo da história desses sujeitos e, conseqüentemente, enquanto ilustração empírica da gênese da escrita (Corrêa, 1997). Nessa direção, a tabela 8 apresenta as principais estratégias de junção utilizadas pelos escreventes do PEJA, na arquitetura paratática. Além da justaposição ($\emptyset$), identificada em todos os textos analisados, destaca-se, em seguida, o MJ “e”, também, com alta frequência de uso.

Tabela 8. MJs mais frequentes na parataxe

Prática de escrita	TD solicitada	$\emptyset$		e		Outros MJs	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prática de escrita 1	Narrativa	63	75%	15	18%	6	7%
Prática de escrita 2	Narrativa	31	61%	3	9%	12	30%
Prática de escrita 3	Prescritiva	55	67%	19	23%	8	10%
Prática de escrita 4	Narrativa	37	84%	2	4%	5	12%
Prática de escrita 5	Prescritiva	36	78%	5	11%	5	11%
Total		222	74%	44	15%	36	10%

Fonte: Elaboração própria

A parataxe por justaposição, MJ mais recorrente nos textos escritos pelos sujeitos em contexto do PEJA, atua como *gesto enunciativo* do sujeito que aponta, no espaço gráfico, para a situação concreta de enunciação (Ferrari; Lopes-Damasio, 2023), uma vez que a escrita é efeito da inscrição histórica do sujeito em práticas orais/faladas mais

dependentes do contexto. Capturado pela representação de que a fala está plasmada na (sua) escrita, “o sujeito junta as orações de forma justaposta, sem explicitar, por mecanismos táticos [e linguísticos] de junção, a codificação das mais diferentes relações de sentido” (Ferrari; Lopes-Damasio, 2023, p. 15). Para exemplificar, a tabela 12 traz os resultados do funcionamento tático-semântico dos MJs, constatados no texto 1:

Tabela 12. Funcionamento tático-semântico dos MJs no texto 1

Funcionamento tático	ø		e		Outros MJs		Funcionamento semântico	N°	%
	N°	%	N°	%	N°	%			
Parataxe	9	69%	3	23%	1	8%	Adição	3	20%
Hipotaxe	0	0%	0	0%	2	100%	Tempo posterior	7	47%
							Causa	2	13%
							Outros sentidos	3	20%

Fonte: Elaboração própria

Dentre os 15 MJs observados nesse texto, predominam, conforme a tendência geral identificada, aqueles com funcionamento paratático por justaposição. Como efeito, essa técnica juntiva, assim como aquela que se materializa por meio do MJ “e”, exige do outro/leitor a suspensão da transparência da escrita para uma movimentação necessária à construção dos sentidos do texto, de acordo com o processo de textualização e da TD que toma corpo nesse processo. Essa movimentação semântica é ilustrada pelos resultados da tabela 12, em que se vê, além das ocorrências de MJs com sentido de adição (20%), caracterizado pelo acréscimo de informações novas no texto, aquelas em que esse sentido abre-se à movimentação semântica, em espaços de junção, que habilitam o trânsito para outros sentidos, como *adição > tempo posterior* e *adição > causa*, caracterizando, assim, a forma de atualização dos sentidos mais frequentes nos dados do texto 1, a exemplo do que se constata também nos demais textos analisados, especialmente da TD narrativa¹⁸. Em (13) e (14), apresentam-se ocorrências dos trânsitos semânticos mais recorrente nos dados, extraídas do texto focalizado neste trabalho:

(13) ele atravessou na frente da prosião ø parou na encruciada (l. 9)

(14) homem que munto rico ø cem inprego ø saiu dezesperado para tocar sanfona no bale (ll. 6-7)

Em (13), os trânsitos semânticos podem ser constatados a partir do reconhecimento de que cada um dos enunciados que compõem o complexo oracional (“ø ela atravessou na frente da prosião”, “ø [ela] parou na encruciada” e “adondi a pareci um cavaleiro”) é introduzido por técnicas juntivas que, nos espaços de junção em questão, atualizam sentidos mais abstratos. A justaposição, em “ø [ela] parou na encruciada”, adiciona ao

¹⁸ Para maiores detalhes da relação entre MJs e TDs, cf. Lopes-Damasio e Silva (2025).

texto um enunciado com uma nova informação, numa relação de posterioridade temporal quanto àquela que a antecede (adição > tempo posterior), conforme a paráfrase: “*em seguida/depois* [ela] parou na encruzilhada”. Em (14), no trecho: “homem que munto rico Ø cem inprego”, a justaposição adiciona uma informação nova sobre o “homem”, “sem emprego”, num espaço de junção que habilita a movimentação para o sentido mais abstrato de “contraste” em relação àquela informação presente no enunciado anterior “homem que [é] muito rico”: “um homem que é muito rico, *mas* que está sem emprego”. A adição do enunciado seguinte, “Ø saiu desesperado para tocar sanfona no bale”, também por meio de justaposição, permite, nesse complexo oracional, a movimentação para o sentido de causa, no esquema causa-efeito, conforme mostra a paráfrase: “por isso saiu desesperado para tocar sanfona no baile”. Assim, as ocorrências, em (13) e (14), demonstram a complexidade das construções paratáticas, em que os sentidos mais concretos alimentam os sentidos mais abstratos, em espaços de junção que se atualizam na tradição de *contar*.

Considerações finais

Este trabalho buscou caracterizar um modo heterogêneo de constituição da escrita, a partir de um espaço teórico assentado na existência sócio-histórica da linguagem, pensada na relação constitutiva entre as práticas orais/faladas e letradas/escritas de produção de sentidos, ancorada [essa produção] em uma língua e mobilizada em discurso. Metodologicamente, a observação dessa heterogeneidade se efetivou por meio dos eixos de circulação dialógica do escrevente (Corrêa, 1997), numa descrição analítica da escrita, de natureza linguístico-discursiva: em que o *linguístico* corresponde ao sistema de formas significantes de uma língua, enquanto interpretante semiológico de uma determinada formação social; em que o *discursivo* corresponde à produção do dizer, sustentada em uma ancoragem na memória; e em que a *escrita* corresponde a um modo de acontecimento da linguagem (Chacon, 2024).

Partindo da hipótese de que as práticas discursivas orais e, especialmente, as informais, tomadas enquanto TDs, em torno de objetos portadores de textos, estão na origem das relações que se estabelecem entre o sujeito e o texto, este estudo tematizou o papel que as TDs orais – aqui descritas e analisadas como informais – desempenham no processo de aquisição da escrita, pelo sujeito já adulto, no contexto do PEJA. A descrição analítica das marcas linguísticas (marcas fonético-fonológicas e ortográficas, marcas de flutuação e segmentação de palavras, marcas sintáticas de alçamento da escrita e marcas da fala plasmada na escrita em espaços de junção) nos textos do *corpus* investigado, permitiu a observação da constituição do discurso segundo as dimensões da linguagem e de acordo com os eixos de circulação propostos por Corrêa (1997). A descrição dos dados mostrou, por meio de marcas linguísticas do E1, da gênese da escrita, que as práticas discursivas orais pelas quais os sujeitos circulam, no modo falado de enunciar, constituem as relações estabelecidas entre o sujeito e o (seu) texto escrito. No entanto, o forte imaginário do sujeito acerca da representação da escrita como um

código institucionalizado e, sobretudo, ligado às práticas escolarizadas, indiciado pela frequência de marcas linguísticas do E2, da escrita institucionalizada, desempenha papel central na aquisição da escrita, que leva o sujeito à reprodução de padrões tidos como ideais, numa relação de autonomia dessa escrita perante a fala. O já falado/ouvido e já escrito/lido, associado, neste trabalho, ao caráter de réplica das TDs, indiciou, portanto, o trânsito do sujeito por TDs orais e letradas, que se mesclam/se penetram.

Conforme esperado em um procedimento investigativo abduutivo, em que se propõe um retorno às bases teóricas, a descrição e análise dos dados permitem propor que, embora as TDs orais desempenhem um papel relevante no processo de aquisição da escrita de jovens e adultos no contexto do PEJA, corroborando os estudos de Rojo (1998), para quem as práticas orais estão na origem do processo que “desvenda” o texto escrito, significando-o; as práticas letradas, assumidas como TDs, enquanto constituintes do sujeito e de sua relação com a escrita, *também* assumem papel determinante nesse mesmo processo. Dito de outro modo, os resultados mostram que não basta considerar a circulação do sujeito por TDs orais no processo de aquisição da escrita: deve-se considerar, *também*, seu atravessamento por TDs letradas, indiciando a própria heterogeneidade da linguagem. Sendo, pois, as TDs orais e letradas fenômenos linguístico-discursivos e, portanto, não “transparentes”, não se pode esperar que a consideração da atuação concomitante (porque heterogênea) das práticas orais e letradas “desvendem” o texto escrito, uma vez que, somente pelo investimento na opacidade da língua, é possível contemplar os processos de produção de sentido em suas condições. Assim, TDs orais e letradas, assumidas em sua opacidade, integram os processos ocultos do letramento acadêmico (Street, 2014).

Finalmente, as considerações aqui realizadas se revestem, inevitavelmente, de um caráter político, à medida em que recusam práticas de alfabetização de jovens e adultos assimiladas a normas e comportamentos dominantes, intensificando o processo de exclusão dessas populações, historicamente negligenciadas, em nome, muitas vezes, de sua “emancipação”. Por isso, defende-se, como prática metodológica (do analista e do educador), a enunciação como zona de negociação com a opacidade da linguagem (Corrêa, 2022, p. 213), assumindo a suspensão de sua transparência (Lemos, 1998).

Agradecimento

Os autores agradecem à FAPESP (processos nº 2023/02325-6 e nº 2022/02850-0)

Referências

CHACON, L. *A escrita como acontecimento*: uma proposta de sistema conceitual. (apresentação em congresso). In: VII Semana de Letras da FCL Assis, Assis, 2024.

CHACON, L. A relação fala/escrita em dados não-convencionais de escrita infantil. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. 01-17, 2021.

CHACON, L.; PASCHOAL, L.; VAZ, S.; PEZARINI, I. O. Classes fonológicas e ortografia infantil. *Revista do GELNE*, v. 18, n. 2, p. 70-99, 2016.

CORRÊA, M. A reformulação e seu(s) outro(s): um exemplo no campo dos letramentos acadêmicos. In: LARANJEIRA, R. M.; MIRANDA, F. D. S.; PARIS, L. G. (org.). *Letramentos Acadêmicos no Brasil: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 205-232.

CORRÊA, M. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. 1997. 435 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

COSERIU, E. *Competencia lingüística: elementos de la teoria del hablar*. Madrid: Gredos, 1992.

FERRARI, L.; LOPES-DAMASIO, L. R. Aquisição da escrita argumentativa: a ressignificação do discurso do outro pela ilusão da argumentação. *D.E.L.T.A.*, v. 39, n. 2, p. 1-26, 2023.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. Cortez editora, 2022.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis*, v. XXIX, n. 2, p. 151-177, 2005.

KOCH, P. Tradições discursivas: de seu status linguístico-teórico e sua dinâmica. Tradução de Alessandra Castilho. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 24, n. 42, p. 360-401, jan./abr. 2021.

KORTMANN, B. *Adverbial Subordination: a typology and history of adverbial subordinations based on European languages*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da escrita. Algumas questões. In: ROJO, R. (org.). *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LONGHIN, S. R. Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeneamente constituída. *Alfa*, v. 55, n. 1, p. 225, 2011.

LOPES-DAMASIO, L. R.; SILVA, B. P. *O sentido de tempo na tradição discursiva narrativa: uma abordagem linguístico-discursiva da escrita inicial*. São Paulo: Parábola, 2025.

LOPES-DAMASIO, L. R.; SILVA, P. C. S. Causa em aquisição da escrita: processos junctivos. *Cadernos de Letras UFF*, Niterói, v. 27, n. 55, p. 109-133, 2018.

LOPES-DAMASIO, L. R. Para argumentar, basta começar: mecanismos de junção e tradição discursiva em aquisição. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 64, n. 00, 2022.

LOPES-DAMASIO, L. R. O movimento linguístico-discursivo na aquisição da escrita. *Filologia e Linguística Portuguesa*. (USP), v. 21, n. 2, p. 147-170, 2019.

LOPES-DAMASIO, L. R. *Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim*: um novo enfoque da gramaticalização. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MAYRINK-SABINSON, M. L. Reflexões sobre o processo de aquisição da escrita. In: ROJO, R. (o.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas: Mercado de Letras; 1998. p. 51-70.

OLIVEIRA, G. C. *O papel das tradições discursivas orais na aquisição da escrita em contexto do P.E.J.A.* 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2024.

OSTERREICHER, W. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. In: BARBARA, F.; THOMAS, H.; TOPHINKE, D. (org.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997. p. 19-43.

PÊCHEUX, M. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Tradução Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

ROJO, R. *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

STREET, B. V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.